

# ESTRUTURALISMO E PÓS-ESTRUTURALISMO NA PERSPECTIVA DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

*Temístocles Cezar*

## INTRODUÇÃO

"One crucial difference between structuralism and post-structuralism involves the question of history."

(BENNINGTON, G./YOUNG, R.)<sup>1</sup>

A variedade de esforços teóricos que procuram definir e/ou apropriar-se dos termos estruturalismo e pós-estruturalismo parece não ter limites. Da lingüística à psicanálise, passando pela filosofia, antropologia e história, chegando às artes em geral, as relações entre os dois conceitos adquirem contornos específicos de acordo com a lógica interna de cada campo de saber.<sup>2</sup> Neste sentido, a história tem sido uma interlocutora privilegiada tanto do estruturalismo quanto do pós-estruturalismo, porém não necessariamente de modo positivo. Ambos os códigos teóricos colocaram os historiadores em uma posição desconfortável: o primeiro remete o estatuto cognoscente do conhecimento histórico para um plano discreto; o segundo reinscreve a historicidade em suas análises promovendo uma redefinição na própria noção de história.

Aos historiadores cabia, portanto, algum tipo de resposta. À abordagem estruturalista, mais definida e rigorosa, corresponderam momentos de aproximações, absorções e mesmo rupturas. Já o pós-estruturalismo convive com diferentes formas de apreensão conceitual: ora é visto como uma etapa subsequente ao esgotamento estruturalista, ora como um corpo teórico autônomo e paralelo (neo-estruturalismo), ou ainda como a negação do estruturalismo (anti-estruturalismo); e finalmente como um sinônimo ou representação da pós-modernidade.

O propósito do presente artigo é o de mapear introdutoriamente

---

<sup>1</sup> Temístocles Cezar é professor do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

estas questões, reconstituindo os argumentos estruturalista e pós-estruturalista na perspectiva da teoria da história. Para contemplar a amplitude do tema em um espaço reduzido optou-se por dividir o texto em duas partes breves: na primeira procura-se analisar os elementos centrais do programa estruturalista e a forte crítica à história nos trabalhos de Claude Lévi-Strauss, além da incorporação do estruturalismo pelo marxismo conduzida por Louis Althusser; na segunda, o objetivo é o de expor os enfoques acerca do pós-estruturalismo a partir do trabalho de Michel Foucault; e por fim, nas considerações finais será considerado concisamente a crítica marxista ao estruturalismo e pós-estruturalismo, e também uma rápida incursão no debate sobre o pós-estruturalismo como uma variante pós-moderna.

### A EMERGÊNCIA DO ESTRUTURALISMO: A DISSOLUÇÃO DA NOÇÃO DE HISTÓRIA

A publicação em 1916 do *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure marca definitivamente a codificação da lingüística moderna. Após uma recepção inicial frustrante os efeitos do *Curso* desdobraram-se com intensidade e ultrapassaram os limites dos estudos lingüísticos atingindo outras disciplinas. Antropologia, semiótica e psicanálise, ciências centrais da abordagem estrutural, encontram no *saussurisme* os recursos teóricos indispensáveis e fundadores para seus respectivos desenvolvimentos.<sup>3</sup>

Das inúmeras contribuições de Saussure absorvidas pelas Ciências Sociais a que mais afetou o conceito de história foi a oposição entre sincronia e diacronia. Estas categorias relacionam-se à outra dicotomia estabelecida pelo lingüista entre língua e fala, sendo que a primeira torna-se o objeto de estudo privilegiado de suas pesquisas. Para se compreender a língua seria necessário situá-la em um *sistema* e observá-la de acordo com sua evolução no espaço (sincronia) e não no tempo (diacrônica), reduzindo, portanto, a dimensão de sua historicidade.

De fato, ao final dos anos cinquenta percebe-se que *at first sight, the structuralism use of Saussure's distinction between the synchronic and the diachronic appears to allow for the effacement of history altogether.*<sup>4</sup>

O momento histórico desta recepção teórica coincide com um crescente desengajamento político dos intelectuais (sobretudo franceses) e por uma correlata desconfiança em relação à noção de progresso histórico. Segundo François Furet houve “um questionamento da história” mediante *um olhar quase espacial, doravante cético sobre as lições e o*

sentido da história. - (...) esta maitresse que foi durante tanto tempo tirânica, antes de se tornar infiel.<sup>5</sup>

Claude Lévi-Strauss representou como nenhum outro este papel de crítico da noção de história, embora nunca tenha proposto seu desaparecimento.<sup>6</sup> Em *História e Dialética* Lévi-Strauss, em conflito aberto com Sartre, sistematiza notavelmente o que até então vinha sendo tratado por ele com menor veemência.<sup>7</sup>

Inicialmente Lévi-Strauss situa a importância do conhecimento histórico: "o etnólogo respeita a história, mas não lhe dá um valor privilegiado. Ele a concebe como uma pesquisa complementar à sua".<sup>8</sup> Pode-se supor que a recíproca seja verdadeira para os historiadores: o estudo sincrônico *ao abrir o leque das sociedades* no espaço seria complementar ao diacrônico. Entretanto, segundo Lévi-Strauss, não há um consenso nesta *relação de simetria* e sim uma deliberada negação por parte dos filósofos da história da equivalência resultante entre as pesquisas históricas e etnográficas:

*Dir-se-ia que, a seus olhos, a dimensão temporal goza de um prestígio especial, como se a diacronia criasse um tipo de intelegibilidade, não apenas superior ao que traz a sincronia, mas, sobretudo de ordem mais especificamente humana.*<sup>9</sup>

Para Lévi-Strauss a preferência pela diacronia em detrimento da sincronia ocorre em função de esta, ao expor a diversidade interna de uma estrutura em uma perspectiva espacial, ser percebida como um sistema *descontínuo*, enquanto aquela cria a imagem de um fluxo contínuo tendo por base a sucessão temporal.

O motivo da crença no desenvolvimento histórico linear é fruto de uma singular transferência que os indivíduos fazem de seu devir pessoal para um nível macro e coletivo, análogo ao que os marxistas designam como o *processo histórico*.

A análise de Lévi-Strauss avança em considerações acerca da constituição dos fatos históricos e do modo através do qual eles obtêm significação ao longo de uma cadeia ininterrupta. De acordo com o autor assim como se experimenta transportar a existência individual para um plano mais amplo e julga-se aí apreender a história, também em termos teóricos e metodológicos os historiadores deslocam suas preocupações contemporâneas com a finalidade de cercar um determinado objeto histórico que é escolhido, cortado, recortado e interpretado a partir de procedimentos seletivos; o que acaba por inviabilizar uma pesquisa rigorosa. Ou seja, como afirma um comentador do estruturalismo:

*No início simpatizamos com os motivos conscientes dos atores históricos, e depois percebemos que nossa própria escolha e classificação do passado é, basicamente, uma projeção da nossa própria situação atual. Longe de assegurar mais objetividade através da distância, a história atrela nosso conhecimento ao círculo restrito da nossa vida e tempo.*<sup>10</sup>

A forma pela qual a história define-se como uma disciplina científica não é menos passível de reavaliação. Com a meta de garantir a unidade cognitiva de seu objeto - a realidade contínua - , diz Lévi-Strauss, o conhecimento histórico utiliza-se de um código: a cronologia; *não há história sem datas*.<sup>11</sup>

No entanto, a codificação cronológica pressupõe um cálculo cuja racionalidade só é possível, segundo Lévi-Strauss, por meio de uma operação *fraudulenta*. Isto porque uma data não é recorrente a outra; cada uma obtém significados próprios a partir das relações que se efetuam entre o pré e o pós-evento. Desta forma, a continuidade histórica é descartada não apenas como *ilusória* mas também como *contraditória*, pois cada classe de datas expõe um *sistema de referência autônoma*, indicadores precisos da natureza do conhecimento histórico: de uma só vez descontínuo e classificatório.<sup>12</sup>

As conclusões particulares da crítica de Lévi-Strauss conduzem em primeiro lugar à noção de que os fatos históricos restringem-se a representações de consensos conceituais dos historiadores tendo por base códigos cronológicos que destituem os eventos factuais de uma efetiva relação com o passado. Em segundo lugar o conhecimento de uma história unificada, cuja noção processual é incompatível com a evidente descontinuidade histórica, torna-se impossível.<sup>13</sup>

Enfim, as funções atribuídas aos historiadores limitam-se a inventariar a integralidade dos elementos de uma estrutura qualquer, humana e não-humana, pela simples razão que à história não corresponde nenhum tema específico: não está ligada ao homem nem é sinônimo de humanidade; é tão somente um método sem objeto preciso. O espaço para se pensar uma história sem sujeitos históricos, onde indivíduos vivem diferentes posicionalidades no interior de uma estrutura arbitrariamente constituída estava definitivamente aberto.

Louis Althusser é quem promove a aproximação entre o estruturalismo e o marxismo. Em termos historiográficos o marxismo não era propriamente a teoria da história dominante no meio acadêmico da França onde os *annalistes* braudelianos mantinham sob controle a pesquisa histórica.

Esta condição, cuja influência ultrapassa as fronteiras francesas, orientou a recepção da análise estrutural entre os marxistas que procuravam alternativas para reativar seus pressupostos teóricos desgastados pela versão de Stalin dos textos de Marx.

A renovação do marxismo iniciada com o althusserianismo propunha que o materialismo histórico se revestisse de inflexíveis procedimentos científicos a fim de inibir as coações ideológicas provenientes de uma *práxis* equivocada (stalinismo). A fórmula encontrada por Althusser para efetivar esta proposta foi apropriar-se da noção desenvolvida por Gaston Bachelard de corte *epistemológico*, estabelecendo uma ruptura entre a ideologia e a ciência. Com efeito, seria possível romper com o marxismo sem sair dele; rejeita-se o marxismo *vulgar e mecanicista* que havia impregnado a história de interpretações produzidas a partir de axiomas vagos e imprecisos, tais como a primazia necessária do fator econômico sobredeterminando as demais instâncias organizadoras do mundo social.<sup>14</sup>

O tema do *corte* também deve incidir em uma nova leitura dos trabalhos de Marx, nos quais, segundo Althusser, fica claro a cesura entre um jovem Marx e um Marx da maturidade: o primeiro mais ideológico, o segundo mais científico.<sup>15</sup>

A releitura althusseriana implica, por outro lado, em um afastamento de toda e qualquer tendência historicista - de acordo com o anátema *presentista* proferido contra os historiadores por Lévi-Strauss - suplantada por uma análise eminentemente teórica e descontextualizada com a qual procura evitar a associação entre a ciência histórica e o mundo vivido e a decorrência lógica desta relação: o empirirismo.<sup>16</sup>

Um dos exemplos apresentados por Althusser de uma leitura equivocada que os historiadores fazem de Marx e que ao mesmo tempo reforça a atitude inovadora de sua perspectiva teórica é a seguinte:

*aparentemente O Capital comporta capítulos de história concreta... Podemos ser tentados a ver nele a teoria marxista da história, expressa em conceitos empíricos que seriam produzidos e expostos sob os nossos olhos. Ora se estes capítulos fascinaram os historiadores até este ponto, é precisamente por não serem capítulos de história concreta marxista, mas por se assemelharem às descrições cronológicas empíricas que tanto abundam na história ideológica vulgar. Marx não no-los apresenta como capítulos de uma história marxista, mas como simples ilustrações de conceitos teóricos.*<sup>17</sup>

A história, portanto, está longe de ser negada pelo marxismo-estru-

turalista, mas sofre um sério deslocamento: como saber teórico desvinculado de evidências empíricas não há mais correlações processuais unificadas sob uma temporalidade unitária, mas temporalidades múltiplas cuja consequência imediata é a elisão de uma história geral e o aparecimento de uma outra história, ou de *estruturas específicas de historicidade*.<sup>18</sup> Para congrega estas unidades diferenciais do saber histórico

*o marxismo estabelece o princípio do reconhecimento do dado da estrutura complexa de todo objeto concreto (...) (pois) não temos essência originária, mas um sempre-já-dado, por mais além que o conhecimento remonte em seu passado. Não temos mais uma unidade simples, porém uma unidade complexa estruturada.*<sup>19</sup>

A negação das variantes historicistas e a maximização teórica também são produtos de uma outra operação de subversão a que Althusser submeteu os textos de Marx. Segundo a exegese althusseriana, e de acordo com o paradigma estruturalista, Marx teria sido um dos primeiros a deslocar o homem da posição de objeto essencial da explicação histórica; há em Marx um anti-humanismo teórico, que *tem por corolário o reconhecimento e o conhecimento do próprio humanismo: como ideologia*.<sup>20</sup>

Neste modelo *científico* dois conceitos centrais da análise marxista da história têm destinos opostos: enquanto o conceito de *modo de produção* mantém sua validade como objeto teórico em função de seu elevado grau de generalização, alto nível de abstração e por caracterizar-se como uma estrutura concomitantemente determinada e determinante, o conceito de *sujeito histórico* é diluído no espaço da estrutura.

As abordagens de Lévi-Strauss e Althusser suscitaram nos historiadores posturas diferenciadas. Quanto a Lévi-Strauss não houve uma resposta definitiva e/ou imediata ao *Pensamento Selvagem*. De fato, no período anterior, em 1958, Fernand Braudel já havia feito algumas contestações às críticas à história que Lévi-Strauss vinha desenvolvendo desde 1949.

A réplica braudeliana, entretanto, de certo modo condescendente com Lévi-Strauss, é estratégica: não néga a análise estrutural, mas inverte a sua dinâmica ao inseri-la na *longa duração*, dimensão temporal construída pelo historiador através da qual as estruturas são condicionadas e adquirem sentido, histórico.<sup>21</sup>

De modo geral, não há em Braudel, nem na maior parte dos *annalistes*, uma argumentação epistemológica mais consistente sobre o estruturalismo; exluído o imperativo da oclusão da história os demais conceitos são

passíveis de uma recepção favorável. A *terceira geração* dos *Annales* beneficiar-se-á desta ausência de rompimento.

As implicações da interpretação de Althusser seguem um outro percurso. Na perspectiva da teoria da história certamente uma das mais duras críticas a Althusser partiu do historiador inglês Edward Thompson. Para este a obra althusseriana não passa *de um teorismo a-histórico idealista*, entre outros fatores, por se afastar das evidências empíricas, etapa inerente da produção do conhecimento e da prática marxista: “o estruturalismo de Althusser é um estruturalismo de extase, desviando-se do método histórico do próprio Marx.”<sup>22</sup>

Não é possível reproduzir neste artigo a detalhada polêmica de Thompson com Althusser, mas este embate teórico parece ter contribuído, na visão de Perry Anderson, no mínimo para se pensar que

*teoria agora é história, com uma seriedade e rigor nunca havidos no passado; assim como história é igualmente teoria, com todas as suas exigências, de uma forma que anteriormente sempre se evitara.*<sup>23</sup>

Althusser teria tido ainda o mérito de protelar uma crise no marxismo francês, mesmo que ao custo de um sistema complexo, teoricamente hermético, com pretensões totalizantes e despreocupado com a *realidade empírica*. A partir de 1970, após uma série de críticas e auto-críticas o althusserianismo promoveu uma aproximação de seu marxismo com um marxismo menos teórico ao reconhecer, para satisfação de muitos marxistas, que as *massas* fazem a história, mas não os *homens e as mulheres*, para espanto dos mesmos.<sup>24</sup> O redeslocamento tardio de Althusser não foi suficiente portanto, para evitar que o marxismo-estruturalista perdesse na década de setenta adeptos e o vigor de outrora, e rumasse para um processo autofágico.<sup>25</sup>

#### **A EMERGÊNCIA DO PÓS-ESTRUTURALISMO: O RETORNO À HISTÓRIA**

O termo pós-estruturalismo é mais polêmico e menos desenvolvido do que o estruturalismo. Apontar a questão da história como uma das possibilidades de se marcar diferenças conceituais é uma hipótese que vem sendo desenvolvida.<sup>26</sup>

Alguns resultados, neste sentido, já foram computados. O prefixo *pós*, por exemplo, não é anteposto a expressão pós-estruturalista apenas

para delimitar cronologicamente uma etapa posterior ao estruturalismo. O *pós* parece antes designar uma tendência que ainda congrega um conjunto de variáveis e instrumentos da análise estrutural do que verdadeiramente um movimento reativo ou de renovação paradigmática.

Na realidade, por um lado quando se fala em pós-estruturalismo pensa-se de imediato em Michel Foucault e Jacques Derrida, eventualmente em um suposto segundo Roland Barthes, entre outros menos expressivos. Em comum, tanto Derrida quanto Foucault historicizam seus objetos de pesquisa; entretanto, não da mesma forma.

Por outro lado, é preciso considerar que *if post-structuralism reintroduces history into structuralism (or, more accurately, shows that effects of history have been reduce) it also poses questions to the concept of history as such.*<sup>27</sup>

A recusa em obliterar a dimensão histórica e a transição da geração braudeliana para uma outra geração, mais receptiva às novas tendências entre as quais as de Foucault e Derrida, confirmaria em meados da década de setenta não somente um retorno à historicidade, mas uma notória recuperação dos prestígio da disciplina.

Michel Foucault nunca assumiu-se plenamente como um estruturalista e não parece ter aceito melhor o rótulo de pós-estruturalista. O fato de não transigir em relação a conceitos desta natureza não impediu que seus comentadores, apologistas ou detratores, o situassem ora nos limites do estruturalismo, ora no centro do pós-estruturalismo.

As razões para uma tal ambiguidade podem ser encontradas nos próprios trabalhos de Foucault. No livro *As Palavras e as Coisas*, de 1966, considerado seu trabalho mais próximo ao estruturalismo, há um elogio aberto à análise estrutural: *O estruturalismo não é um método novo; é a consciência desperta e inquieta do saber moderno.*<sup>28</sup>

No entanto, esta postura não pode ser percebida como um indicador do nível de aderência de Foucault ao programa estruturalista. A frágil ortodoxia foucauldiana a ordenações cognitivas, políticas ou acadêmicas revela-se na irônica resposta de Foucault a um virtual interlocutor em um dos seus textos mais importantes: *vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo.*<sup>29</sup>

Seria demasiado estender-se no inventário das diferenças de como e porque Foucault é estruturalista ou pós-estruturalista. Mas uma síntese de referenciais mínimos é elucidativa. Foucault mantém-se atrelado a certas premissas comuns ao estruturalismo, tais como a ausência do sujeito, a destituição do homem como objeto central das ciências humanas

e a descontinuidade histórica; e inversamente àquele paradigma para Foucault a inscrição da historicidade em suas pesquisas é uma premissa incontestada, além de não mostrar-se convencido das *possibilidades formais apresentadas por um sistema como a linguagem*.<sup>30</sup>

De modo geral verifica-se que Foucault procurou afastar-se gradualmente do estruturalismo desviando-se de temas e investigações cujos resultados conduzem a invariantes universais, e que na falta de uma melhor definição vem sendo chamado principalmente pelos norte-americanos de pós-estruturalismo.

O projeto foucauldiano em relação à história fundamentou-se teoricamente em 1969, quando da publicação da *Arqueologia do Saber*. Neste ensaio, ao comentar os novos problemas existentes no campo metodológico do saber histórico Foucault desarticula a dicotomia entre história e estrutura:

*A estes problemas pode-se atribuir a sigla do estruturalismo. Sob várias condições, entretanto, eles estão longe de cobrir, sozinhos, o campo metodológico da história (...) salvo em certo número de casos relativamente limitados, eles não foram importados da lingüística ou da etnologia, mas nasceram no campo da própria história. (...) enfim, não autorizam, de modo algum, que se fale de uma estruturalização da história, ou, ao menos, de uma tentativa para superar um conflito ou uma oposição entre estrutura e devir (...). A oposição estrutura-devir não é pertinente nem para a definição do campo histórico nem, sem dúvida, para a definição de um método estrutural.*<sup>31</sup>

É preciso deixar claro que nos trabalhos anteriores de Foucault a perspectiva histórica sempre esteve presente, ainda que longe dos procedimentos tradicionais dos historiadores e próxima à abordagem estrutural. Tanto na *História da Loucura* (1961) como no *Nascimento da Clínica* (1963) Foucault interpretou a história de um modo muito particular: no nível do discurso. Em muitos casos historiadores profissionais acusaram essas histórias de deficientes pois à esfera discursiva não corresponderiam determinações infra-estruturais, além de não haver limitações à épocas ou às disciplinas científicas: o discurso é analisado como uma prática em um fluxo descontinuo.

Estruturalistas como R. Barthes viram na *História da Loucura* uma história estruturalista em termos de projeto e análise.<sup>32</sup> Críticos como F. Dosse acreditam que “avec ‘Naissance de la Clinique’, M. Foucault est au plus près du structuralisme. Il délaisse les pratiques sociales au profit

de l'étude des règles du discours.<sup>33</sup> Uma historiadora lúcida como Patricia O' Brien sentencia:

*Nem marxista, nem ligada à escola dos Annales, neste último quarto de século a obra de Foucault tem sido alternadamente louvada e atacada pelos historiadores - e, em ambos os casos, quase sempre mal compreendida, o corpo do texto de Foucault raramente foi apreendido com aquilo que de fato é: um modelo alternativo para a escrita da história da cultura, um modelo que incorpora uma crítica fundamental da análise marxista e dos Annales, bem como da própria história social.<sup>34</sup>*

Talvez o mais importante é o fato de estes dois livros de Foucault terem, de algum modo, influenciado ou justificado uma abertura do campo historiográfico em direção às margens da sociedade; suas temáticas tidas como desviantes, outrora inibidas pelos modelos tradicionais da história, emergem agora com força explicativa.

Foucault também reconsidera conceitos que antes eram inadmissíveis em uma investigação histórica. É o caso, por exemplo, da noção de descontinuidade, que segundo Lévi-Strauss constituía ao lado do caráter taxinômico os fundamentos do conhecimento histórico. No projeto foucauldiano a descontinuidade deixa de ser pensada como um obstáculo à pesquisa - "o estigma da dispersão temporal" - e torna-se um elemento central no discurso do historiador.

Seria ilusório entretanto, imaginar que este deslocamento teria ocorrido pacificamente. Ao contrário, houve problemas que se resumem na "crítica do documento", outra dimensão conceitual do campo histórico reavaliado por Foucault. Mas que se evitem incompreensões: não existem dúvidas acerca da importância dos documentos para a constituição do saber histórico. Através deles cristalizavam-se o passado: "o documento sempre era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio; seu rastro era frágil mas, por sorte decifrável".<sup>35</sup> Porém Foucault identifica uma "mutação" neste comportamento:

*o documento, pois, não é mais, para a história, essa matéria inerte através da qual ela tenta reconstituir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e o que deixa apenas rastros: ela procura, no próprio tecido documental, unidades, conjuntos, séries, relações.<sup>36</sup>*

Por meio de um jogo de palavras Foucault sintetiza a crítica: en-

quanto a história tradicional memorizava os monumentos do passado transformando-os em documento, hoje a história é que transforma “os documentos em monumentos” voltando-se para a sua descrição intrínseca.<sup>37</sup> A revisão da forma de intervir-se nas fontes documentais implica, por outro lado, uma alteração no estatuto do próprio historiador: ainda um historiador, mas com *mãos* arqueológicas.

Estar-se-ia neste plano, segundo Habermas, diante de uma despedida da hermenêutica, posto que:

*L'effort herméneutique vise l'appropriation du sens, il flaire dans chaque document une voix réduite au silence qu'il doit ramener à la vie. Cette idée du document porteur de sens doit être remise en question au même titre que l'entreprise interprétative (...) L'archéologue (...) fera en sorte que les documents parlants redeviennent des monuments muets, des objets devant être libérés de leur contexte afin à la portée d'une description de type structuraliste.<sup>38</sup>*

A crítica de Habermas é compartilhada por outros estudiosos, que vêem no projeto de Foucault uma empresa destinada a desconstruir nas ciências humanas e particularmente na história suas marcas de cientificidade. Neste sentido, de acordo com Allan Megill nos trabalhos foucauldianos encontrar-se-ia articulado sob uma aparente nova metodologia científica uma verdadeira tentativa de *demolir* tudo o que até agora se creditou ao nome da ciência.<sup>39</sup>

Na realidade Foucault procurou verificar a constituição histórica das ciências humanas através da análise da formação de seus conceitos, objetos teóricos e métodos correspondentes, com a intenção final de saber como e porque elas tornaram-se ciências. E Foucault faz esta *descrição* desviando-se completamente do modelo evolucionista das ciências. Mantendo-se fiél às concepções de descontinuidade, à negação da idéia de progresso na história das ciências, às diferentes posicionalidades que o sujeito ocupa em uma formação discursiva, não é de se admirar, portanto, que Foucault tenha sido percebido como um iconoclasta teórico, ou um anarquista epistemológico.

Este ponto de vista, contudo, não parece correto. Na história dos discursos sobre a loucura, sobre a disciplinarização do social, sobre a sexualidade, e ainda para reconstituir as formas como o poder e o saber relacionam-se, Foucault perseguiu resolutamente *critérios de rigor*,<sup>40</sup> mas sob uma noção de história heterodoxa (afinada à crítica no *documento*) na qual é preciso

*établir les séries diverses, entrecroisées, divergentes souvent mais non autonomes, qui permettent de circonscrire le lieu de l'événement, les marges de son aléa, les conditions de son apparition. Les notions fondamentales (...) sont celles de l'événement et de la série, avec le jeu des notions qui leur sont liées; régularité, aléa, discontinuité, dépendance, transformation; c'est par un tel ensemble que cette analyse des discours à laquelle je songe s'articule non point certes sur la thématique traditionnelle que les philosophes d'hier prennent encore pour l'histoire vivante mais sur le travail effectif des historiens*<sup>41</sup>

Além disto, para a dinâmica que movimenta este jogo os conceitos de causas originárias ou monocausas deixam de ter sentido: *Foucault nos deu um jogo sem causas. É um universo de rupturas e pausas, mas, mesmo assim, um universo. Ele não foi nenhum anarquista pós-estruturalista. Seu jogo tem regras e um objeto.*<sup>42</sup>

O conjunto de questões decorrentes das noções desenvolvidas por Foucault acerca da história o levaram a uma renovação do seu projeto por intermédio da introdução do conceito de *genealogia*. Alguns autores afirmam que entre a *Arqueologia do Saber* e sua aula inaugural no "Collège de France" teria ocorrido uma espécie de corte onde a análise arqueológica seria substituída pela genealógica.<sup>43</sup> É desnecessário entrar nesta celeuma no momento. O importante é que Foucault havia encontrado em Nietzsche um suporte teórico - a genealogia - que de modo geral não acusa uma ruptura com seus trabalhos precedentes.

O método genealógico, tal como o arqueológico evita as recorrências e as evoluções e tem por objetivo descrever e isolar as diferenças:

*(...) a genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência. Ela deve construir seus monumentos ciclópicos não a golpes de grandes erros benfazejos mas de pequenas verdades inaparentes estabelecidas por um método severo. Em suma, uma certa obstinação na erudição. A genealogia não se opõe à história como a visão altiva e profunda do filósofo ao olhar de toupeira do cientista, ela se opõe, ao contrário, ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. Ela se opõe à pesquisa da origem.*<sup>44</sup>

O recurso genealógico tem por objetivo instrumentalizar a variação temática experimentada por Foucault em suas pesquisas a partir da década de setenta, período no qual se volta para a análise de como e

porquê o saber e o poder vinculam-se e através de que dispositivos formam suas estratégias de atuação. O exercício do binômio poder-saber efetiva-se historicamente segundo Foucault sobre

*O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia, como análise da proveniência, está portanto no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo.<sup>45</sup>*

*Vigiar e Punir* será um belo exemplo de como se reconstitui uma história que incide sobre o corpo. Neste livro Foucault recorda que estudar a história do corpo não é uma novidade para os historiadores. Sua análise não parte portanto de um ponto zero, apenas insere a historicidade do corporal no nível das relações de poder cujo saber não retrata suas regras de funcionamento, mas constituem uma tecnologia política do corpo, “difusa e raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos”.<sup>46</sup> Imbricados, poder e saber não dependem de um sujeito do conhecimento que seria livre ou não diante do poder. Segundo Foucault o sujeito que conhece é efeito de sua própria relação e mudança histórica:

*(...) resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredo ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento.<sup>47</sup>*

A genealogia acrescenta à noção de história um esclarecimento teórico: o modelo histórico não deve ser buscado na língua ou nos signos (duas *ciências* fundamentais do programa estruturalista) mas em seu caráter belicoso; ou seja, a historicidade é antes relação de poder do que relação de sentido. Para Foucault a *história não tem sentido, o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas.*<sup>48</sup>

Muito se tem comentado sobre estes caminhos inaugurados por Foucault. Entre os historiadores a recepção de seus trabalhos, como em todos os domínios, caracteriza-se pela polêmica. Para Paul Veyne, Foucault apenas lembrou aos historiadores que:

*(...) vocês podem continuar a explicar a história como sempre o fizeram: somente, atenção: se observarem com exatidão, despojando os esboços, verificarão que existem mais coisas que devem ser explicadas do que vocês pensavam; existem contornos bizarros que não eram percebidos.*<sup>49</sup>

Outros, menos devotados que Veyne, dizem que se Foucault faz história não é uma boa história, é passional, genérica, sem método, fora os descuidos cronológicos. A estes historiadores Foucault respondia com ironia: *Não sou um historiador profissional - mas ninguém é perfeito.*<sup>50</sup> Foucault, filósofo por formação, revive - em uma analogia forçada - uma espécie modernizada do dilema do Proudhon no século XIX, que de acordo com Marx passava por bom filósofo e mau economista na França, enquanto na Alemanha passa por mau filósofo e bom economista. Foucault seria entre os historiadores antes apenas um filósofo e não um historiador, e ao que tudo indica, para os filósofos seria mais um historiador do que um filósofo.

Tal como Marx fez em relação a Proudhon, só que em sentido inverso, é preciso protestar contra este duplo erro. Foucault tornou-se para os historiadores *senão um modelo, pelo menos uma má consciência,*<sup>51</sup> porque rompeu com os limites (temáticos mas também epistemológicos) a que estava submetida a disciplina histórica e parece difícil hoje ignorar sua contribuição. Incondicionalmente aceito ou totalmente rejeitado, talvez os historiadores não tenham atingido o ideal metodológico que o próprio Foucault reivindicava para si: *quanto a mim, os autores que gosto, eu os utilizo.*<sup>52</sup> Lê-lo e utilizá-lo mais do que citá-lo, eis a questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho afirmou-se que os historiadores deveriam responder, de algum modo, aos argumentos estruturalista e pós-estruturalista. No entanto, é forçoso reconhecer que os historiadores têm um hábito estranho: estão acostumados a receberem *ataques*, mas também a ignorá-los; postura hermética que se em certos momentos constitui-se em sábia virtude, em outros revela ortodoxia ou insuficiente reflexão teórica.

As duas últimas características parecem marcar atualmente as relações entre a história, o estruturalismo e o pós-estruturalismo. De fato a especificidade deste relacionamento não foi explorado de forma propor-

cional às suas variações temáticas em implicações relativas à produção do conhecimento histórico.

Neste sentido, muitos historiadores na maior parte das vezes de extração marxista, atribuem ao pós-estruturalismo os signos do *irracionalismo*, da condição pós moderna ou de mero epifenômeno dos modismos intelectuais com os quais, segundo eles, os franceses nos brindariam de vez em quando.

Entretanto, houve críticas ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo que ultrapassaram o nível acintosamente preconceituoso ou antiacadêmico. Em primeiro lugar, a réplica de Perry Anderson ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo continua sendo uma referência obrigatória e apropriado dos historiadores assumidamente marxistas, embora mereça reparos. Em segundo lugar é preciso verificar a validade da inserção de Foucault ou do pós-estruturalismo como representante da pós-modernidade e adversário da *razão*. Ambas as questões serão apenas expostas com a intenção de contrastar com as duas partes desenvolvidas até aqui.

*I - Paris é hoje a capital da reação intelectual européia, de modo muito semelhante ao que Londres era há 30 anos.*<sup>53</sup> Assim Perry Anderson classifica a orientação em voga na França onde o estruturalismo e o pós-estruturalismo impuseram-se ao marxismo, que havia desfrutado de uma *ascendência cultural* no imediato pós-guerra.

Esta situação é definida pelo historiador inglês através de uma metáfora bélica: teria havido uma guerra teórica, e o marxismo, sobretudo latino, fora derrotado. Mas a *vitória* do estruturalismo e pós-estruturalismo teria ocorrido em um campo de batalha não estranho ao marxismo. Por exemplo, as relações entre estrutura e sujeito na história são recorrentes a Marx e ao materialismo histórico.

A guerra teria ainda causas históricas. Segundo Perry Anderson, a discussão no interior da corrente marxista não havia assumido uma conotação política ou historiográfica, mas filosófica por três motivos principais: 1) devido a orientação do stalinista do PCF; 2) devido ao amplo domínio dos *Annales* na França; 3) devido a influência da fenomenologia e do existencialismo.

Por outro lado, o marxismo althusseriano que deveria ter fornecido alguma resposta ao estruturalismo capitulou diante do *inimigo*. Mas a Althusser Perry Anderson reserva adjetivos a menos: *a novidade e a ingenuidade eram por si só inegáveis*.<sup>54</sup>

Afinal, em que consistiu a vitória da frente ampla estruturalista e pós-estruturalista? Perry Anderson demarca três temas ou asserções que

para ele congregam tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo em um *campo comum*, onde ocorreu a batalha e houve a derrota para um *exército* cujos argumentos não pareciam muito convincentes.

1) A exorbitação da linguagem. De acordo com Perry Anderson, as relações entre a língua e fala constituem uma *bússola* aberta para mapear as diversas posições da estrutura e do sujeito no mundo exterior à linguagem por três razões: a) as estruturas lingüísticas tem um coeficiente muito baixo de mudança histórica quando comparadas as demais estruturas sociais; b) a língua é congenitamente inventiva: o sujeito é livre para falar, enquanto as outras práticas são coagidas por regularidades e a leis de escassez natural, sendo que os efeitos da fala na história são quase nulos; c) o sujeito da fala é axiologicamente individual, enquanto os sujeitos relevantes nas outras estruturas sociais são coletivos: exército, nação, classes, grupos, etc. Deste modo, somente a ação destes sujeitos é que alteram e modificam as estruturas. Ou seja, não há como legitimamente transpor os modelos lingüísticos para o processo histórico.<sup>55</sup>

2) Atenuação da verdade. A dicotomia que Saussure opera no interior do signo entre significante (imagem acústica) e significado (conceito) teria nas versões estrutural e pós-estrutural sofrido um deslocamento que gradualmente foi gerando uma *megalomania do significante*. Isto é, entre as palavras e as coisas haveriam múltiplas correspondências: o real doravante perde seu referente *concreto*. Perry Anderson vê nesta assimetria a impossibilidade de se distinguir em uma pesquisa o que é verdadeiro e mo que é falso, premissas fundamentais “de qualquer conhecimento racional”.<sup>56</sup>

3) A causalização da história. Efeito da adaptação do paradigma lingüístico às ciências humanas a idéia de causas determináveis se enfraquece em detrimento dos jogos da diferença, sentido, significado. A causalidade deixa de ser pensada como nexos necessário para se construir a inteligibilidade do processo histórico.<sup>57</sup>

A conclusão de Perry Anderson é de que as *armas* do estruturalismo e pós-estruturalismo eram mais virtuais do que reais, e que ficaram devendo respostas para as questões pelas quais tanto se criticou o marxismo. Na verdade “ocorreu pouco enfrentamento direto e autêntico entre os dois antagonistas”, havendo de fato “uma adaptação passiva às modas e disposições predominantes na época.”<sup>58</sup>

Seria impossível nos limites deste artigo estabelecer uma tréplica a Perry Anderson e espera-se que a leitura dos pontos anteriores a tenham induzido *avant la lettre*. Contudo, fica claro que Perry Anderson mantém-se atrelado a uma concepção segundo a qual criticar o marxismo é afrontá-lo, ainda que por ingenuidade ou infidelidade.

II - Habermas em 1980 profere uma palestra intitulada *Modernidade - um projeto incompleto* na qual identifica três tipos de conservadores: 1) os velhos conservadores (pré-modernos) que pretendem uma volta a um período anterior à modernidade; 2) neoconservadores (pós-modernos) que rejeitam os conteúdos subversivos da modernidade mas apóiam suas estruturas sociais, inclusive a aplicação da ciência e da técnica para estimular o crescimento econômico; 3) jovens conservadores (antimodernos) que se opõem à razão instrumental associada a modernidade através de um princípio transcendente como a vontade de poder, o Ser ou a força dionisíaca do poético, onde encontram-se Bataille, Derrida e Foucault.<sup>59</sup>

Em 1985, Habermas redefine a posição de Foucault a partir de sua teoria definida agora como *une théorie post-moderne*.<sup>60</sup> Para o filósofo alemão a pós-modernidade divide-se agora em pós-modernidade neoconservadora e pós-modernidade anarquista: a primeira rejeita a modernidade cultural e apóia a modernidade social; a segunda realiza uma dupla rejeição e é nesta que é enquadrado Foucault.

A noção de modernidade para Habermas também divide-se em dois blocos: a modernidade cultural que se caracteriza pela dessacralização das visões de mundo tradicionais e sua substituição por esferas axiológicas diferenciadas, regidas pela razão e sujeitas à ação consciente do homem; a modernidade social caracteriza-se pelos complexos institucionais (Estado e economia) e corresponde ao processo de burocratização da sociedade.

O ponto central da divisão da modernidade e pós-modernidade é portanto a modernidade cultural admitida pela primeira e negada pela segunda. Também a aceitação e rejeição subdividem-se cada qual em apreensões conservadoras ou críticas. Consequentemente aqueles que aceitam a modernidade cultural e a social ao mesmo tempo são conservadores; enquanto aqueles que aceitam apenas a modernidade cultural invocam a razão iluminista para denunciar a perversidade da modernidade social são os críticos, onde se situaria o próprio Habermas. Já aqueles que rejeitam a modernidade cultural em nome de valores pré-capitalistas e defendem a modernidade social são pós-modernos conservadores; por outro lado, os que rejeitam a modernidade cultural justificando o ato pelo fato de a razão iluminista ser um simples agente da dominação, e negam a modernidade social por ser o *locus* da repressão política econômica são os pós-modernos críticos, e aí estaria Foucault.

Mas quais são os argumentos para a vertente pós-estruturalista centrada em Foucault ser considerada pós-moderna? Parece inquestionável que Foucault é um crítico mas isto não bastaria para classificá-lo como pós-

moderno. Rouanet enumera quatro contra-argumentos:

1) Foucault não contesta o iluminismo mas sua filantropia. Se para ser moderno é preciso acreditar na bondade dos reformadores iluministas é necessário “cassar as credenciais de Marx”, que denuncia a parcialidade da emancipação conduzida pelo ideário iluminista em favor da dominação de classe burguesa;

2) Foucault não pretendeu destruir a ciência, e sim mostrar os condicionamentos pré-científicos de cada campo de saber (as configurações de poder) e sua utilização extra-científicos, o que está na melhor tradição da filosofia não-positivista. Propõe à historiografia tradicional uma arqueogenealogia que atenda a princípios de cientificidade pelo menos tão exigentes quanto os aplicados a ciências tradicionais;

3) Tal como Marx desconfia do progresso burguês, Foucault desconfia da própria noção de progresso. Segundo Rouanet, acreditar na idéia de progresso formulada teoricamente pelo iluminismo é ser infiel com a própria modernidade no que ela tem de mais profundo: a capacidade de aprender com a experiência. Além disso, a crença em uma história contínua conduz a expectativas finalistas e futuras através das quais a luta presente é amortecida.

4) Foucault por fim, para Rouanet, não foi um niilista, porque lutou pela reforma penal, contra os regimes autoritários e as instituições repressoras. Foucault se auto-insere na tradição de Kant à escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber. Teria sido enfim um pensador moderno pela sua visão crítica da sociedade, mas como não situa claramente sua obra dentro da modernidade produz interpretações plausíveis como a de Habermas. Desta forma, para Rouanet *o Foucault pós-moderno se evapora*<sup>61</sup>

Em sentido semelhante mas de modo mais geral Andreas Huyssen afirma que

*O pós-estruturalismo é principalmente um discurso do e sobre o modernismo e que, se queremos localizar o pós-moderno no pós-estruturalismo teremos que buscá-lo na maneira como várias formas do pós-estruturalismo tem apontado para novas problemáticas no modernismo e têm reinscrito este último nas formações discursivas da nossa própria época (...) o pós-estruturalismo pode ser entendido, num grau significativo, como uma teoria do modernismo (...) se é verdade que a pós-modernidade é condição histórica única e diferente da modernidade, impressiona constatar as profundas raízes que o discurso crítico do pós-estruturalismo finca na tradição moderna.*<sup>62</sup>

Em termos históricos, entretanto, a questão da pós-modernidade continua sendo mais comumente associada ao pós-estruturalismo e ao retorno das teorias narrativas aos domínios dos estudos históricos. De acordo com L. Hutcheon : (...) *it is narrative that most clearly overlaps with the concerns of postmodern fiction and theory*<sup>63</sup>

Esta já é uma questão correlata, mas que surpreendentemente vem sendo mais discutida entre os historiadores do que foi a própria análise das relações do saber histórico, o estruturalismo e o pós-estruturalismo: de certa forma, os códigos teóricos que *apenas* possibilitaram um repensar na historiografia contemporânea.

### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. BENNINGTON, G./YOUNG, R. "Introduction: posing the question", in ATTIDGE, D./BENNINGTON, G./YOUNG, R. (ed) *Post-structuralism and the question of history*. Cambridge University Press, 1987, p-1.
2. A polissemia do vocábulo estruturalismo é destacada por vários autores. Para R. Boudon: "parmi les concepts clés des sciences humaines, le concept de structure est sans doute un des plus obscurs."- *A quoi sert la notion de "structure?" Essai sur la signification de la notion de structure dans les sciences humaines*. Paris. Gallimard, 1968 p. 13. Sobre o desenvolvimento do conceito ver DOSSE, F. *História do Estruturalismo 1: o campo do signo. 1945/1966*. SP: Ensaio, 1993, pp 15-17. Uma nota paralela: por motivo de espaço dois autores importantes não são analisados neste artigo. BARTHES, R. e MAIRET, G.
3. Sobre estas considerações ver: AARSLEFF, A. *From Locke to Saussure: Essays on the study of language and intellectual history*. Minneapolis Minnesota University Press, 1982. Este texto é citado no mesmo sentido in MERQUIOR, J. G. *De Praga a Paris: uma crítica do estruturalismo e do pensamento pós-estruturalista*. RJ.: Nova Fronteira, 1991, pp. 23-24. Para confirmar os desdobramentos do livro de Saussure ver DOSSE, F. op. cit. voll, pp. 65-seg.
4. BENNINGTON, G./YOUNG, R. op. cit. p. I. Ver também DOSSE, F. op. cit. pp. 69-7. Outros conceitos desenvolvidos por Saussure são importantes, entre eles a definição do signo lingüístico como resultado combinado da presença de um significado (conceito) e de um significante (imagem acústica) produzidos por um laço de união arbitrário interno à estrutura da própria língua, afastando assim a referência externa. Ver SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. SP: Cultrix. 1988, pp. 80-81.
5. FURET, F. "Os intelectuais franceses e o estruturalismo", in - *A oficina da história*. Lisboa: Gradiva, s/d. p. 46.
6. Ver FURET, F. op. cit. p. 49.

7. De LÉVI-STRAUSS, C, ver "História e Dialética", in - *O Pensamento Selvagem*. SP: Nacional, 1976. "Raça e história" (1952) e "O campo da antropologia" in - *Antropologia estrutural II*. RJ: Tempo Brasiliense, 1978. "História e etnologia" (1949) in - *Antropologia Estrutural*. RJ: Tempo Brasiliense, 1967.
8. LÉVI-STRAUSS. "História e Dialética, op. cit. p. 292.
9. Idem. O livro de Sartre que Lévi-Strauss refere-se e critica é "Critique de la Raison Dialectique: Vol. I Théorie des ensembles pratiques". Paris: Gallimard, 1960.
10. MERQUIOR, J. G. op. cit. p. 111. E. Carr, em artigo publicado em 1961, oferece, sem considerar em nenhum momento a crítica estruturalista, uma análise que se tornou clássica sobre as relações entre o historiador, fontes e fatos. Ver CARR, E. H. "O historiador e seus fatos" in *Que é história?* RJ: Paz e Terra, 1978, pp. 11-29.
11. LÉVI-STRAUSS, C. "História e Dialética" op. cit. p 294.
12. Idem. p. 296.
13. MERQUIOR, op. cit. p. 113.
14. A noção de "Corte epistemológico" foi influenciada por Gaston Bachelard. Ver BACHELARD, G. *Epistemologia*. RJ: Zahar, 1983, p. 16. Segundo E. Thompson "a cesura epistemológica", com Althusser, é uma cesura com o autoconhecimento disciplinado e um salto na auto-geração do conhecimento, de acordo com seus procedimentos teóricos, isto é, um salto para fora do conhecimento e para dentro da teologia" *A Miséria da Teoria*. RJ: Zahar, 1981, p. 43. Sobre a importância e crítica de Althusser, ver FURET, F. op. cit. p. 55 e VILAR, P. "História marxista, história em construção" in LE GOFF, J./NORA, P. (org). *História: novos problemas*. RJ: F. Alves, 1988, p. 152. Sobre o marxismo vulgar, ver HOBBSAWM, E. "A contribuição de Karl Marx para a historiografia". in BLACKBURN, R. (org) *Ideologia na crítica social: ensaios críticos sobre a teoria social*. RJ: Paz e Terra, 1982, pp. 248-249.
15. ALTHUSSER, L. *A favor de Marx* (pour Marx). RJ: Zahar, 1979, p. 24. O marco desta virada seria o livro "A Ideologia Alemã" de 1845, não publicado durante a vida de Marx.
16. Ver ALTHUSSER, L./BALIBAR, E. *Para leer el capital*. México: Siglo XXI, 1978, pp. 116-130.
17. ALTHUSSER, L. *Sobre o trabalho teórico*. Lisboa: Presença, 1988, pp. 40-41.
18. Ver DOSSER, F. op. cit. vol I, p. 340.
19. ALTHUSSER, L. op. cit. (1979) p. 174.
20. Idem, pp. 202-203. Segundo P. Anderson para Althusser "os trabalhos de Lukács, Korsch, Gramsci, Sartre, Goldmann, Della Volpe e Colletti eram suscetíveis de serem classificados como variantes do *historicismo*: ideologia na qual a sociedade se transforma numa totalidade *expressiva* circular, a história num fluxo homogêneo de tempo linear, a filosofia numa auto-cons-

- ciência do processo histórico, a luta de classes, num combate de *sujeitos* coletivos, o capitalismo num universo essencialmente definido pela alienação, o comunismo num estado de verdadeiro humanismo para lá da alienação”. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. Porto: Afrontamento, s/d. pp. 92-93.
21. O conceito de estrutura braudeliano encontra-se em “História e Ciência Sociais: a longa duração” in BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. SP: Perspectiva, 1978, p. 49. Braudel afirma que tentou “mostrar, não ouse dizer demonstrar, que toda a nova pesquisa de Claude Lévi-Strauss só é coroada de êxito quando seus modelos navegam nas águas da longa duração.” - “História e Sociologia”, in BRAUDEL, F. op. cit. p. 107. Para F. Dosse Braudel “tem o mérito de ter-se reapropriado da noção de estrutura e de lhe ter dado a dimensão temporal: (BRAUDEL, F. *essas estruturas históricas são desvendáveis de certa maneira mensuráveis: sua duração é a medida* (BRAUDEL, F. *Civilisation matérielle, Economie et capitalisme*. A. Colin, 1979, T 2. p. 410).” DOSSE, F. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. SP: Ensaio, 1992, p. 146. Já para K. Pomian “Fernand Braudel montre que l’histoire loin de s’enfermer dans l’étude des événements, est non seulement capable de dégager les structures, mais que c’est à cette tâche qu’elle doit s’intéresser en premier lieu.” - “L’histoire des structures” in LE GOFF, J. (dir) *La Nouvelle Histoire*. Paris: Complexe, 1988, p. 109.
  22. THOMPSON, E. P. op. cit. p. 13. Perry Anderson avaliou a crítica de Thompson a Althusser em seu livro *Arguments within english marxism*. London: NLB and Verso, 1980.
  23. ANDERSON, P. *A crise da crise do marxismo*. SP: Brasiliense, 1984, p. 31.
  24. Ver ALTHUSSER, L. *Lenin and philosophy*. London: Newleft Books, 1971, pp. 22-22. Ver também ANDERSON, P. op. cit. 1984, p. 45.
  25. Ver DOSSE, F. *História do Estruturalismo 2: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias*. SP: Ensaio, 1993, pp. 209-218.
  26. É o caso de Bennington e Young: “The question of the relations between structuralism, post-structuralism and history is therefore an extremely complex one, and the purpose of this volume is to begin to situate and untangle its complexities by engaging with it in a number of interrelated ways: (...)” op. cit. p. 02.
  27. Idem. O grande ausente deste tópico é Jacques Derrida porque sua apreensão pelos historiadores ainda é recente e pouco desenvolvida. Sobre Derrida ver DOSSE, F. op. cit., vol 2. ATTRIDGE, D., BENNINGTON, G. and YOUNG, R., op. cit. E do próprio Derrida ver *Gramatologia*. SP: Perspectiva, 1973. DERRIDA, J. *A escritura e a diferença*. SP: Perspectiva, 1971.
  28. FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. SP: Martins Fontes, 1981, p. 282.
  29. FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. RJ: Forense, 1987, p. 20. Segundo Allan Megill “Foucault does not so much have a *position* as a number of successive positions.” in “The reception of Foucault by Historians.” *Journal of the history of ideas*. 48 (1987): p. 255.

30. Trecho de uma entrevista de Foucault citada em MERQUIOR, J. G. *Michel Foucault, ou o nihilismo de cátedra*. RJ: Nova Fronteira, 1985, p. 111. Hayden White desconsidera esta observação do próprio Foucault e o situa como o filósofo principal do movimento estruturalista francês por partilhar "with Lévi-Strauss and Lacan an interest in the deep structures of human consciousness a conviction that study of such deep structures must begin with an analysis of language, and a conception of language which has its origins in the work of the recognized father of structural linguistics, Ferdinand de Saussure." - Foucault decoded: notes from underground". in WHITE, H. *Tropics of discourse*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press. 1990, p. 230.
31. FOUCAULT, M. op. cit. 1987, p. 13. No mesmo sentido Paul Veyne diz que "a oposição diacronia-sincronia, gênese-estrutura, é um falso problema" - "Foucault revoluciona a história" in VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Brasília: EUnB, 1982, p. 173.
32. Ver BARTHES, R. *Essais critiques*. Paris: Editions du Seuil, 1971, p. 171.
33. DOSSE, F. "Foucault face à l'histoire". In *Espaces/Temps*. 30/1985, p.12.
34. O'BRIEN, P. "História da Cultura de Michel Foucault". In HUNT, L. (org). *A nova história cultural*. SP: Martins Fontes, 1995, pp. 33-34.
35. FOUCAULT, M. op. cit, 1987, p. 07.
36. Idem.
37. Sobre "os documentos transformados em monumentos". Ver Idem, p. 08. Sobre o conceito de "arquivo" ver idem pp. 148-151.
38. HABERMAS, J. "Les sciences humaines démasquées par la critique de la raison: Foucault" in - *Le discours philosophique de la modernité*. Paris: Gallimard, 1988, p. 296.
39. MEGILL, A. "Foucault, structuralism and the end of history" in *Journal of Modern History*. no 51/09 - 1979, p. 487.
40. Foucault diria que jamais apresentou "a arqueologia como uma ciência (...) mas, em quase todas as suas dimensões e em quase todas as suas arestas, a empresa relaciona-se a ciências, a análises de tipo científico ou a teorias que respondem a critérios de rigor." op. cit., 1987, p. 234.
41. FOUCAULT, M. *L'ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971, pp. 58-59.
42. O'BRIEN, P. op. cit., 1995, p. 58.
43. Ver DREYFUS, H/RABINOW, P. *Michel Foucault: Beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983, também DOSSE, F. op. cit. 1993, vol. 2, MERQUIOR, J. G. op. cit., 1985. Sobre a genealogia ver Foucault, 1971, pp. 62-72.
44. FOUCAULT, M "Nietzsche, a genealogia e a história" in - *Microfísica do Poder*. RJ: Graal, 1984, pp. 15-16. Obs: os grifos são citações extraídos de Nietzsche em H. D. H § 3. Ver também O'BRIEN, P. op. cit. 1995, p. 49. Segundo Habermas: "L'historiographie généalogique fait table rase non seulement de l'autonomie des discours en autorégulation, mais encore de la suite *epochale* et dirigée des formes globales du savoir". "Aporias d'une théorie du pouvoir" in - op. cit. p. 318.

45. Idem. p. 22. "The genealogist is a diagnostician who concentrates on the relations of power, knowledge and the body in modern society". DREYFUS, H./RABINOW, P. op. cit. p. 105.
46. FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1984, p. 28. Para H. Dreyfus e P. Rabinow algumas análises contidas em *Vigiar e Punir* como a idéia de *organização espacial* são analogias quase perfeitas das definições através dos quais os pensadores estruturalistas franceses encontraram princípios universais: "as we saw earlier, Foucault wrote "The order of things" as an archeology of structuralism. We are reading "Discipline and punish" broadly as a genealogy of structuralist discourse and associated practices". op. cit., p. 155. Já para Habermas "dans la généalogie de Foucault, le pouvoir est d'abord synonyme d'une pure fonction structuraliste". op.cit., pp. 302-303.
47. Idem, p. 30.
48. FOUCAULT, M. Verdade e poder, op. cit. p. 05.
49. VEYNE, P. op. cit. 1982. p. 160.
50. MEGILL, A. op. cit., p. 117, citado também em O'BRIEN, op. cit., 1995, p. 37. Outros críticos ao trabalho de FOUCAULT, em sentido mais geral encontram-se em SARUP, M. *An introductory guide to post-structuralism and post modernism*. Athens, Georgia: U. Georgia Press, 1989, pp. 88-95.
51. GRISET, A. "Foucault, um projeto histórico" in LE GOFF, J. et alli. *A nova história*. Lisboa: Ed. 70, 1986, p. 59.
52. FOUCAULT, M. "Sobre a prisão" (entrevista) in - op. cit., 1984, p. 143.
53. ANDERSON, P. op. cit., p. 38.
54. Idem, pag, 43. O autor havia defendido a contribuição de Athusser em op. cit. 1980.
55. Idem, pp. 47-52.
56. Idem, pp. 52-55.
57. Idem, pp. 55-59.
58. Idem, pp. 65-66.
59. HABERMAS, J. "Modernity - an incomplete project" in *Anti-aesthetics Essays on post-modern culture*. Port Townsend: Bay Press, 1983.
60. HABERMAS, J. op. cit. p. 338, 1988. A análise que se segue está largamente baseada em ROUANET, S. P. "Foucault e a modernidade" in - *As razões do iluminismo*, SP: Cia das Letras, 1987, pp. 217-228.
61. ROUANET, S. P. op. cit. p. 223. Mark Poster considera que "Foucault is the only poststructuralist who actively sought to associate his work with that of the Frankfurt School." *Critical theory and Poststructuralism*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.
62. HUYSSSEN, A. "Mapeando o pós-moderno" in - HOLLANDA, H. B. (org.) *Pós-modernismo e política*. RJ: Rocco, 1991, p. 60.
63. HUTCHEON, L. "Historicizing the postmodern: The problematizing of history" in - *A poetics of postmodernism: history, theory, fiction*. USA: Routledge, 1987, p. 96. A bibliografia sobre a questão já é bem significativa e polêmica, e seria demasiado listá-las neste espaço.